



EFEITOS DO CAPITAL SOBRE O CORPO FEMININO ENVELHECIDO: DISCURSO, ETARISMO E RELAÇÕES DE PODER NA REDE SOCIAL X

Thais Dourado da Silva Melo¹

As dinâmicas sociais que atravessam o corpo feminino, sobretudo em sociedades organizadas sob a lógica neoliberal, evidenciam uma constante vigilância que orienta modos de ser, aparências e comportamentos considerados desejáveis. O envelhecimento, nesse cenário, aparece como uma ruptura com o ideal normativo de juventude sustentado pelo mercado, o que reforça a desvalorização simbólica das mulheres que ultrapassam determinada faixa etária. Inserida nesse contexto, a presente pesquisa busca compreender como discursos produzidos e amplificados no espaço digital participam da manutenção desses sentidos, especialmente quando dirigidos a mulheres com mais de quarenta anos. Partindo da perspectiva da Análise de Discurso de linha materialista, interessa observar como determinadas formulações publicadas na rede social X atualizam práticas etaristas e regulam posições de sujeito inscritas no feminino envelhecido.

A circulação acelerada de dizeres nas plataformas digitais vem ampliando a intensidade dos julgamentos que recaem sobre o corpo da mulher. A cada postagem, foto ou aparição pública, emergem leituras que associam valor à capacidade de conservar traços juvenis, como se a passagem do tempo, quando inscrita no corpo feminino, configurasse falha, descuido ou inadequação. Esse funcionamento discursivo se tornou particularmente evidente em episódios recentes que ganharam repercussão na rede X, nos quais usuários comentam o envelhecimento utilizando-se de termos depreciativos. Entre esses enunciados, destacam-se dois comentários que compõem o corpus preliminar deste trabalho: um deles dirigido à atriz Paolla Oliveira, então com quarenta e dois anos, no qual o autor compara seu corpo ao de uma “laranja podre” (Figura 1) e afirma ainda que ela teria “passado do prazo de validade”.

Figura 1



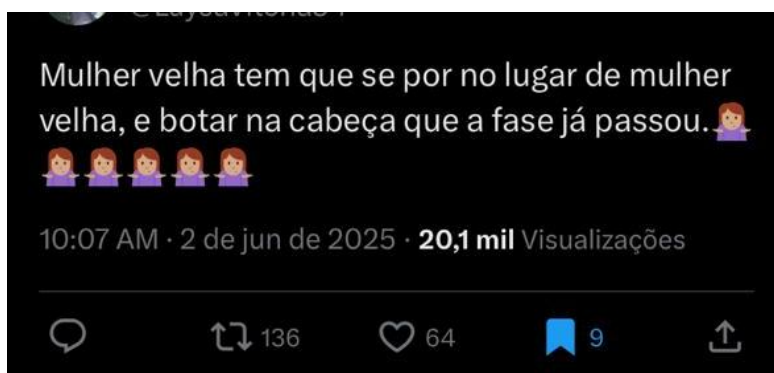
Fonte: Rede Social X

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: thaisdouradoo5@gmail.com.



O outro, publicado por uma usuária, defende que “mulher velha tem que se pôr no lugar de mulher velha e botar na cabeça que a fase já passou” (Figura 2), sugerindo que a idade determinaria a “fase” em que uma mulher se encontra e o que ela pode ou não fazer.

Figura 2



Fonte: Rede Social X

Embora produzidos por sujeitos distintos e em enunciações separadas, tais comentários partilham uma mesma filiação discursiva: aquela que associa o corpo feminino ao consumo, à aparência e ao valor estético que deve ser mantido sob pena de exclusão simbólica. Quando uma mulher envelhece, os sentidos de “expiração”, “desuso” e “desvalorização” se tornam recorrentes, operando tanto na violência aberta quanto em enunciados aparentemente banais. É nesse ponto que a Análise de Discurso se mostra fundamental para compreender como tais formulações não são simples opiniões pessoais, mas efeitos de uma rede ideológica que atravessa a constituição dos sujeitos e regula seus modos de significar.

A leitura desses enunciados exige considerar que não se trata apenas de insultos isolados, mas de formulações que se apoiam em um imaginário social profundamente enraizado. Através de Orlandi (2005), compreendemos que o discurso não é apenas o que se diz, mas o que se produz na relação entre língua, sujeito e ideologia. A linguagem, portanto, é um lugar de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos. Pêcheux (1990) nos lembra que o sujeito é sempre atravessado pela ideologia, que opera de forma silenciosa na produção de evidências e naturalizações. Desse modo, ao afirmar que uma mulher possui “prazo de validade”, o enunciador mobiliza significações historicamente produzidas, que vinculam o corpo feminino ao uso e ao desgaste, como se fosse um objeto submetido às mesmas lógicas que regulam mercadorias no circuito econômico. A metáfora não é gratuita: ela ecoa uma formação discursiva sustentada por relações de poder que, ao longo dos séculos, encarregaram as mulheres de manter uma aparência socialmente aceitável, sob pena de tornarem-se alvos de escárnio.

No espaço digital, esses sentidos se intensificam. A velocidade de circulação e a quantidade de interações ampliam o campo de incidência do discurso, reforçando aquilo que Foucault (1987) identifica como técnicas de controle do corpo. A exigência de juventude, nesse ambiente, passa a operar como dispositivo normativo que atravessa a experiência das mulheres, especialmente daquelas que começam a



ser marcadas pelo tempo. A plataforma funciona como palco e tribunal: nela se observam, julgam e avaliam corpos como se fossem objetos de domínio público. A mulher que envelhece, portanto, experimenta uma dupla posição discursiva, a de sujeito e a de objeto, já que sua imagem se torna matéria de apreciação coletiva, frequentemente traduzida em um vocabulário depreciativo.

Ao analisar a segunda postagem do corpus, assinada por uma usuária mulher, nota-se que a ideologia não apenas interpela sujeitos, mas os faz participar ativamente da reprodução de sentidos que os atingem. Quando a autora da postagem afirma que “a fase já passou”, assume uma posição que reforça o lugar social destinado às mulheres mais velhas, como se existisse um limite temporal que determina quando elas podem ou não participar de determinados espaços. Tal formulação se sustenta na crença de que a legitimidade do feminino está atrelada ao frescor da juventude, funcionando como um marcador simbólico que organiza expectativas sociais sobre comportamento e aparência.

Esse tipo de dizer evidencia o que Butler (2018) discute ao tratar das normas que regulam o gênero: não basta que a norma exista; ela deve ser reiterada constantemente para continuar funcionando. Assim, quando uma mulher afirma que outras mulheres devem se restringir a determinados lugares após envelhecerem, colabora com a manutenção de um sistema que a oprime. A repetição da norma, nesse caso, não se dá apenas por coerção externa, mas por identificação com um conjunto de valores que aparecem como naturais, ainda que sejam produzidos historicamente.

Nesse ponto, é preciso considerar que a lógica capitalista intensifica formas de captura do corpo feminino, convertendo-o em superfície de investimento simbólico e econômico. Deleuze e Guattari (1995), ao discutirem as engrenagens do capitalismo, mostram que tudo aquilo que pode ser codificado, avaliado e consumido tende a ser incorporado ao funcionamento do mercado. O corpo da mulher, sobretudo no digital, torna-se um dos principais alvos dessa captura: ele deve ser exibido, comparado, comentado, moldado e consumido em imagens que respondem às expectativas de um público que exige perfeição. O envelhecimento, nesse cenário, desorganiza a lógica da mercadoria, pois introduz o que escapa ao controle, o que não pode ser totalmente administrado por filtros, procedimentos estéticos ou performances de juventude.

A violência simbólica que emerge dos enunciados analisados não opera apenas como ofensa individual, mas como mecanismo de disciplinamento que orienta condutas. Ao afirmar que uma mulher envelhecida deve “se pôr no seu lugar”, o discurso estabelece fronteiras imaginárias que delimitam o que é considerado aceitável para mulheres em diferentes fases da vida. Trata-se de uma inscrição de limites que funciona pela repetição, e que se transmite entre mulheres, entre gerações e entre diferentes esferas da vida social. É nesse ponto que a crítica feminista se encontra com a Análise de Discurso: ambas localizam nos modos de dizer a atualização de relações de poder que atravessam os corpos.

Além disso, a circulação desses discursos no ambiente digital amplia seus efeitos. A rapidez com que uma postagem se torna visível, a quantidade de interações e a ausência de mediações institucionais permitem que sentidos violentos e naturalizados ganhem ressonância com facilidade. Santaella (2010)



observa que a cultura digital produz formas de exposição que reconfiguram a relação dos sujeitos com a própria imagem. O corpo que circula nas redes não é apenas visto; ele é avaliado, classificado, legitimado ou rejeitado. Quando esse corpo é feminino e envelhecido, encontra-se em uma posição mais vulnerável, porque se distancia da norma estética cultivada pelas plataformas.

Sob esse prisma, os dois enunciados do corpus não apenas expressam opiniões sobre envelhecimento, mas revelam como a rede X se configura como espaço de atualização de sentidos que reforçam hierarquias de gênero. Há uma dimensão pedagógica nesses discursos: ensina-se, ainda que de modo implícito, como uma mulher deve parecer, se comportar e ocupar o mundo quando ultrapassa determinada idade. O dizer que compara Paolla Oliveira a uma “laranja podre” não opera isoladamente; ele ecoa e reafirma uma construção histórica que associa beleza à virtude e desgaste físico à perda de valor.

Diante dessas observações, evidencia-se que o etarismo direcionado ao corpo feminino não é fenômeno superficial, tampouco restrito a comentários isolados, mas parte estruturante das relações de poder que delimitam as possibilidades de existência das mulheres. A interpretação dos enunciados mostra que a violência simbólica se apoia em uma memória discursiva que associa o envelhecimento a perdas: perda de valor, de visibilidade, de desejo e até de legitimidade social. Essas perdas não são naturais; são efeitos de um regime de sentidos que opera sobre os corpos com rigor disciplinador. Foucault (2008) afirma que o poder circula por meio de micropráticas que parecem banais, mas que, repetidas, tornam-se dispositivos de regulação. As postagens analisadas constituem exemplos precisos dessas micropráticas, produzindo efeitos que escapam à dimensão individual e atingem coletivamente o modo como as mulheres se percebem e se reconhecem.

Ao mesmo tempo, é necessário sublinhar que esses discursos não apenas atuam sobre o corpo feminino envelhecido, mas contribuem para a constituição de subjetividades. A interpelação, como lembra Pêcheux (1990), não é processo opcional; é condição de existência do sujeito. Assim, a mulher que lê, compartilha ou responde a esses enunciados participa de um processo contínuo de identificação e resistência, muitas vezes oscilando entre o alinhamento às normas e o desejo de subvertê-las. Esse movimento contraditório se torna ainda mais complexo no ambiente digital, onde a necessidade de aceitação e visibilidade cria pressões adicionais sobre a forma como as mulheres performam a própria aparência.

Contudo, mesmo diante dessa maquinaria discursiva que tenta fixar o corpo feminino a modelos de juventude permanente, existem fissuras e deslocamentos possíveis. As próprias reações que problematizam a violência simbólica nas redes indicam que o discurso não é homogêneo, e que há disputas ativas pela resignificação do envelhecimento. Butler (2018) lembra que toda norma depende da repetição para se sustentar, mas essa repetição nunca é totalmente previsível; nela residem brechas para transformação. Reconhecer essas brechas é fundamental para compreender que a análise de discursos etaristas não serve apenas para denunciá-los, mas também para identificar espaços de resistência e reinscrição de sentidos.



Dessa maneira, a reflexão aqui apresentada demonstra que o estudo do envelhecimento feminino nas redes sociais não se limita a investigar agressões verbais, mas envolve compreender como o corpo é atravessado pelas engrenagens do capital, pelas normas de gênero e pelos dispositivos de vigilância que se intensificam no digital. As postagens analisadas revelam que o etarismo continua operando como forma de controle e disciplinamento, reforçando a necessidade de pesquisas que explorem essas dinâmicas com profundidade. Ao colocar em evidência os modos pelos quais discursos aparentemente simples reproduzem estruturas complexas de poder, torna-se possível contribuir para debates que visam não apenas compreender, mas transformar os modos de significação que incidem sobre as mulheres que envelhecem.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.
- SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2010.